

**A MEMÓRIA NA SALA DE AULA:
O GÊNERO DIÁRIO ÍNTIMO E A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE**

**MEMORY IN THE CLASSROOM:
THE INTIMATE DIARY AND GENDER (RE) CONSTRUCTION OF IDENTITY**

Francis Paula Correa Duarte¹

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a construção da identidade a partir do gênero discursivo “diário íntimo” e, conseqüentemente, os processos de reconhecimento do indivíduo em relação à própria sociedade. A elaboração dos diários, após a leitura da obra “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus, busca compreender a forma como o educando assume uma postura ativa, reflexiva e crítica a respeito dos temas e gênero abordados para então discutir sobre si mesmo e as transformações em que está inserido.

Palavras-chave: análise do discurso; gêneros discursivos; diário íntimo; memória e identidade.

Abstract: The aim of this paper is to analyze the construction of identity from the discursive genre "diary" and hence the individual's recognition processes in relation to society itself. The preparation of the daily, after the reading of the work "Quarto de despejo," Carolina Maria de Jesus, seeks to understand how the student takes an active approach, reflective and critical themes and gender addressed to then discuss about yourself and the transformations in which it appears.

Keywords: discursive analysis; discursive genres; intimate daily; memory and identity.

Introdução

O presente artigo apresenta como tema a análise do diário como um gênero discursivo que propicie a crítica, a reescrita social e identitária do educando. Busca contribuir para uma discussão a propósito da prática da leitura e da produção textual, no contexto escolar, e o desenvolvimento das habilidades relacionadas a essas duas competências, sobretudo no que tange à reflexão crítica nos alunos do 8º ano do ensino fundamental, mediante o diário como gênero discursivo a ser desenvolvido.

¹ Mestra em Língua Portuguesa pela UFRRJ – Programa PROFLETRAS, professora da rede pública de ensino no interior do Estado do Rio de Janeiro – FEVRE e SEEDUC/RJ. E-mail para contato: fpcd79@gmail.com

Ao partir do pressuposto de que alguns aspectos são determinantes na materialização dos gêneros como conto e crônica (tais como “o quê?”, “por quê?” e “para quem?”), o diário se caracterizaria como um texto com a oportunidade de registrar ideias, opiniões a respeito da realidade que nos cerca, expressaria sentimentos de uma maneira geral, bem como registraria fatos ocorridos no cotidiano.

Inicialmente percebe-se que o desejo autobiográfico é tão antigo quanto o próprio ato de escrever, uma vez que se formou a partir de um dos atos de fala básicos que é a narração. Assim, contar histórias é tão antigo quanto a existência do próprio homem. De acordo com Rosa Meire Oliveira (2002), ao narrar acontecimentos, o homem analisa seu próprio passado e sua própria realidade, busca o futuro, mostra-se verdadeiro ou não, responsável ou não e, com força ilocutiva e intencionalidade, ou seja, exerce sobre o outro, por meio das palavras, um determinado efeito persuasivo.

Por sua vez, o gênero discursivo diário, por se tratar de gênero cujo discurso relacionado a experiências pessoais, geralmente é narrado em 1ª pessoa, com verbos no presente ou no pretérito. Dessa forma, constitui-se a partir da memória do enunciador e, além disso, pode-se dizer que esse gênero possui uma linguagem subjetiva, pois há expressão de sentimentos e emoções do protagonista/ autor que relata as suas próprias experiências ou nisso nos faz crer pelas escolhas enunciativas.

Diante dessas características, o presente artigo propõe um trabalho em que o diário integre a prática da leitura, da escrita e da análise linguística, numa possível concretização de um ideal de formação com vistas ao exercício pleno da cidadania, a promoção e a concretização de uma perspectiva enunciativa entre linguagem, identidade e memória para as aulas de língua portuguesa.

1 As memórias como papel ativo, reflexivo e crítico

Falar sobre construção da identidade é abordar as interações sociais do indivíduo uma vez que depende da existência do outro e ainda, as possíveis reconstruções e as transformações em novas interações. De acordo com Denys Cuche (1999), a identidade é uma construção social, e não um dado que foi herdado de forma biológica. Ela se dá, portanto, no sentido da

representação: a identidade representa a forma como os indivíduos se enxergam e enxergam uns aos outros no mundo.

O importante são as representações que os indivíduos fazem da realidade social e de suas divisões(...) A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas(...) Deve-se considerar que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais. (CUCHE, 1999, p.181)

Além disso, a definição teórica de *identidade* mostra-se como uma questão complexa, devido à multiplicidade de conceitos de *identidade* e, conforme o critério adotado para sua definição, perpassa aspectos que podem ir desde o filosófico, psicológico, sociológico até o linguístico, por exemplo. No caso específico da identidade social, segundo Maura Penna (2001), "inúmeras definições e empregos diferenciados da noção de identidade (...), sendo grande a diversidade (e mesmo ambiguidade) no emprego do termo".

A autora também argumenta que, a partir dessa indefinição, nota-se uma linha tênue para os estudos sociais em relação à ideia de senso comum, percebendo as diferenças entre pessoas como "parte da natureza das coisas, [...] como algo dado, inerente a um grupo ou indivíduo" (PENNA, 2001, p. 92). Contrapondo-se a essa noção simplista de *identidade*, Penna afirma:

[...] a identidade social é uma construção simbólica que envolve processos de caráter histórico e social, que se articulam (e atualizam) no ato de atribuição. Consideramos, assim, que a identidade social é uma representação, relativa à posição no mundo social, e, portanto, intimamente vinculada às questões de reconhecimento. Concebemos a possibilidade de múltiplas identidades, com base em referenciais distintos – como a origem territorial, a condição de gênero, a etnia, a atividade profissional etc. –, pois, enquanto uma construção simbólica, a identidade não é decorrência automática da materialidade. (PENNA, 2001, p. 92-93).

Desse modo, a *construção de identidade* associa-se de forma íntima às "condições de existência, à cultura e às relações sociais", ou seja, as possibilidades de construção identitária são construções mutáveis, conforme mudem as condições sociais. Tal afirmativa é sugerida por Eni Orlandi (2001, p. 204), ao apresentar que "a identidade é um movimento na história, [...] ela não é sempre igual a si mesma. Isto é, ela não é homogênea e ela se transforma. Não há identidades fixas e categóricas". Ideia semelhante é expressada por Ângela Kleiman:

Consideramos que a construção de identidades é constitutiva da realidade social das práticas discursivas, juntamente com outras construções, como a construção de relações sociais entre os falantes e a construção de sistemas de conhecimentos e crenças [...]. As identidades são (re)criadas na interação e por isso podemos dizer que a interação é também instrumento mediador dos processos de identificação dos sujeitos sociais envolvidos numa prática social. (KLEIMAN, 2001, p. 280-281).

Nesse contexto, é perceptível que o diário íntimo não traz apenas o sujeito que o constrói. Ao falar de si mesmo, o sujeito fala também dos valores, das censuras, das normas e experiências de sua época. Como o continuador de prática social, a linguagem que é utilizada no exercício de se construir uma identidade estável para si é construída igualmente de forma social.

Assim, a partir do uso do diário, ver-se-á a *identidade* como uma construção simbólica formada discursivamente por meio de processos de reconhecimento de pertinência do indivíduo em relação à própria sociedade. Como Penna, observa-se também que o indivíduo se representa e é representado em identidades múltiplas e, do mesmo modo como Kleiman e Orlandi, considera-se a ideia de *identidade* como uma construção mutável, dinâmica, em estreita ligação com as práticas sociais nas quais o indivíduo se engaja.

A reflexão acerca do papel do educador no processo de construção da leitura e da escrita de um gênero, o diário íntimo, por exemplo, mostra-se relevante nesse âmbito. É preciso que o educador leve o educando a analisar para quem se escreve, mesmo que seja para si mesmo; por que se escreve; quando e onde escreve; o que o sujeito conhece de forma efetiva sobre o tema; como fazer-se compreender; que variante linguística é mais adequada. Assim, tais questões possibilitariam o conhecimento necessário para interagir produtivamente com seus pares em diferentes atividades e situações discursivas.

Portanto, na (re)construção de uma ideia de identidade, por meio dos diários em sala de aula, o papel do aluno mostra-se de primordial, pois é sujeito da sua produção. É ele quem enriquece, modifica, e constrói seus instrumentos de ação e interpretação por meio da interação com os objetos de conhecimento, com a realidade que o cerca. Contudo, nesse âmbito educacional, cabe ao professor propiciar situações significativas, em que o saber previamente construído na sala de aula ou em seu cotidiano familiar e social seja resgatado e reelaborado, contextualizando-o ao conhecimento formal.

Acredita-se que esse conjunto de práticas, solicitando constantemente do educando uma postura ativa, reflexiva e crítica a respeito dos temas e do gênero abordado, proporcione uma

ampliação de seu conhecimento e venha prepará-lo para discutir sobre si mesmo e qual seu posicionamento frente às transformações em que está inserido.

2 Por entre os muros, a segregação e a reescrita de uma vida: uma breve biografia de Carolina

Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento, interior de Minas Gerais. De origem africana, seu avô era de descendência cabinda, pertencente ao grupo de escravos que eram vendidos nos portos durante o período da escravidão, tendo sua mãe, Maria Carolina, nascido já sob júdice da Lei do Ventre Livre.

Carolina ficou sem pai muito cedo, uma vez que ele abandonou a família. Sua escolarização deu-se apenas nas duas primeiras séries primárias. Ainda quando criança, começou a trabalhar no meio rural, em Minas Gerais e, posteriormente, em São Paulo, foi boia-fria, empregada doméstica e por fim, catadora de resíduos para reciclagem.

Desde sempre, os livros foram companheiros inseparáveis e, ao migrar para outra cidade, levava-os consigo. Por diversas vezes, o valor da leitura em sua vida é mencionado nas obras que escreveu:

"O livro... me fascina. Eu fui criada no mundo. Sem orientação materna. Mas os livros guiou os meus pensamentos. Evitando os abismos que encontramos na vida. Bendita as horas que passei lendo. Cheguei a conclusão que é o pobre quem deve ler. Porque o livro, é a bussola que ha de orientar o homem no porvir (...)" (DE JESUS, Carolina Maria. Meu estranho diário. São Paulo: Xamã, 1996, p. 167)

Carolina trabalhou como doméstica assim que foi para São Paulo, em 1937, mas ao engravidar, em 1948, foi demitida e sem muita alternativa, começou a recolher materiais para reciclagem. Vale ressaltar que em meio a tantas dificuldades, jamais abandonou o hábito da leitura, porém, adiou o sonho de ser tornar poetisa, mesmo já tendo uma publicação de um poema no jornal *Folha da Manhã*.

A vida da autora acaba se tornando um reflexo das transformações sociais e econômicas que ocorrem em São Paulo, na época. Devido às mudanças da lei do inquilinato e o início da construção de grandes prédios, muitas áreas de famílias humildes, e que viviam em cortiços,

começam a ser ocupadas e o número de despejos cresce consideravelmente. Os pobres começam a residir em locais distantes, surgindo novas periferias, conforme citado por Carolina em seus escritos:

(...) O senhor Dario ficou horrorizado com a primitividade em que eu vivo. Ele olhava tudo com assombro. Mas ele deve aprender que a favela é o quarto de despejo de São Paulo. (DE JESUS, Carolina Maria. Quarto de despejo – diário de uma favelada. São Paulo, 1960.)

A autora passou a viver na favela do Canindé, Rua A, barraco nº 9, construído por ela mesma. O trabalho de catadora de papel tornou-se o seu principal sustento e os cadernos que recolhia eram separados para que a sua vida cotidiana fosse anotada religiosamente. Esses relatos se tornariam sua primeira obra, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicado em agosto de 1960, com edições em vários países, tornando-se um *best-seller*.

Carolina sempre foi muito combativa, por isso era mal vista pelos políticos quando participou de eventos em função do sucesso de seu livro. Ela não agradava a elite financeira e política da época com seu discurso, valendo lembrar que era o início do Regime Militar no Brasil. Como consequência, a autora acabou caindo no esquecimento e vivendo de forma bem humilde até os momentos finais de sua vida.

Carolina Maria faleceu em 1977, em condições de extrema pobreza. Morava numa chácara no bairro de Parelheiros, periferia da Zona Sul de São Paulo e de sua biografia fica a confirmação de que sua trajetória contrasta com a história urbana de São Paulo.

3 Uma proposta de intervenção e metodologia para as aulas de leitura e produção textual no 8º ano fundamental

Inicialmente, para uma compreensão prática, buscou-se uma abordagem baseada na experimentação e, desse modo, propiciaram-se atividades durante as aulas de leitura de uma turma do 8º ano do ensino fundamental, com uma faixa etária de 13 a 16 anos, da área urbana, e que envolveram a análise e a compreensão da obra memorialista *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina de Jesus, sobretudo com um foco voltado para as lembranças íntimas, as dificuldades socioeconômicas e a perspectiva de futuro mencionadas pela autora.

Ressalta-se que o município da pesquisa em questão ainda passa por um período de reestruturação em todas suas esferas, após a crise ocasionada a partir da privatização de uma usina de grande porte. Sem as ações diretas da empresa, as famílias buscam traçar alternativas para minimizar as perdas e as dificuldades socioeconômicas. Desse modo, o desemprego, os baixos salários e o aumento das desigualdades sociais contribuíram para os deslocamentos populacionais e um olhar, até mesmo pessimista, frente ao futuro, o que acaba sendo reproduzido dentro e fora da escola.

Assim, foram aplicadas atividades de pré-leitura do livro como pesquisas e debates de textos a respeito do gênero discursivo diário e com a temática da obra e associar com uma pesquisa crítica a respeito da vida da autora Carolina Maria de Jesus. Posteriormente, fez-se a leitura da obra, tanto coletiva quanto individualmente e suscitaram-se comentários, impressões e, concomitante, iniciou-se a produção textual de pequenos diários pessoais em sala de aula.

Os diários se mostraram como material de análise tanto do professor quanto do aluno, uma troca de experiências pessoais, exercício da criticidade e fonte de desenvolvimento de competências linguísticas uma vez que foram observadas a integridade das obras produzidas pelos alunos, a literariedade das obras, a representatividade identitária e complexidade dos textos e a diversidade textual.

A pesquisa apoiou-se em base bibliográfica, com o intuito de alcançar os objetivos aqui propostos pela sequência de atividades e, assim, aventar as possibilidades que o trabalho com a leitura e produção textual do gênero em questão poderia oferecer em situações de aprendizagem, tais como: o professor, na condição de mediador, com a possibilidade de induzir o aluno a alcançar a sua autonomia na aquisição de aprendizagens significativas, no exercício da autoria e coautoria, na medida em que o educando não apenas opina sobre um determinado tema, mas também levanta ideias e questionamentos.

4 Estudo de caso: aspectos coesivos e linguísticos das memórias

Segundo Fávero (2002), a coesão e a coerência, dentre outros fatores, formam o conceito de textualidade. A coerência é um “conceito semântico referente às relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados que compõem um texto” (FÁVERO, 2002, p. 9). A coesão obtém-se por meio da gramática e do léxico.

A coerência resulta de processos cognitivos entre os usuários assim pode ocorrer um sequenciamento coesivo de fatos isolados que não possuem a condição de formar um texto. Por outro viés, podem existir textos destituídos de coesão, mas cuja textualidade se dá pelo nível da coerência.

A coerência não está somente ligada à sucessão linear dos enunciados, mas também, à ordenação hierárquica deles, dependendo do contexto pragmático no qual o texto está inserido.

O texto coerente é aquele em que se nota a possibilidade de continuidade de sentido entre os conhecimentos proporcionados pelas expressões do texto. É incoerente o texto em que o leitor/alocutário não possa descobrir nenhuma continuidade, provavelmente porque nota-se uma discrepância entre a configuração de conceitos e relações expressas e o conhecimento de mundo dos receptores.

O diário **A** e o diário **D** apresentam a repetição de pronome pessoal do caso reto e é usada como uma forma de referenciar e destacar algo já mencionado por ele anteriormente, como preenchimento do espaço do sujeito e do objeto:

Diário A: “Primeiramente amo Deus o meu pai e o meu irmão depois eles são meus chodos os meus sobrinhos eles gostam muito de mim tem muito tempo que eu não os vejo fiquei sabendo de que o meu sobrinho aprendeu a andar queria muito ver ele mais por enquanto não dá pois eles moram muito longe gosto muito do meu irmão ele tem síndrome de Down ele é muito carinhoso com migo sempre está se preocupando como estou acho ele tão engraçado e tão bondoso com migo quando ele esta na rua e o meu pai compra algo pra ele ele pede pro meu pai comprar pra mim também”(…)

“Eu agradeço a Deus por ter ele como irmão o Gabriel as vezes ele fala que queria ser igual a mim e eu falo que eu que queria ser que nem ele pela sua bondade e amor ele é muito especial para mim”(…)

Diário D: “Querido diário.

A situação mais difícil que eu passei em toda a minha vida foi quando a minha mãe estava se separando do meu pai. Isso não faz muito tempo, **eu** me lembro perfeitamente quando a minha mãe entrou em depressão e **eu** e minha irmã que sofriamos muito com isso. (...)

Eu sofria muito de ver a minha mãe chorando e muito assustada com os carros de polícia que iam à minha casa todos os dias.

Hoje a minha mãe já melhorou e até vai casar novamente dia 5 de julho”. (...)

“As melhores experiências escrever o diário foi que **eu** pude desabafar as coisas que **eu** estou sentindo seja elas boas ou ruins.

Nada foi ruim enquanto **eu** estava escrevendo exceto a vergonha que **eu** sentia depois que **eu** escrevia. (...)

Um outro aspecto relevante notado nos diários **A** e **B** é a forma como se relacionam com a obra de Carolina Maria de Jesus. Ao destacar a história da autora, como inspiração e força, acabam por desabafar momentos delicados que viveu em suas famílias e como isso serviu para os unirem, em alguns casos.

Diário A: “hoje nos lemos mais uma parte do livro Quarto de despejo gostei muito de sua história a pesar de suas dificuldades.

Estou

Diário B: “Eu estou achando esse livro muito bom. a história da Carolina Maria de Jesus é infelizmente, triste, mais ajuda as pessoas a pensar o que ela passava e colaborar com os pobres”.(...)

“O meu maior desejo é que meu pai volte a falar normalmente com a minha mãe e pare de agir como se não gostasse das minhas irmãs porque ele até tirou a pensão da minha irmã mais velha.

A situação mais difícil pra mim foi o divórcio de meus pais, eu fiquei passando mal durante semanas”. (...)

Tais afirmativas são reforçadas de acordo com Hanks (2008) em que um contexto é um conceito teórico baseado em relações. Não há contexto que não seja “contexto de” ou “contexto para”, e atualmente se reconhece que a produção de sentido que ocorre na linguagem depende fundamentalmente, ou inteiramente, do contexto em si.

Assim, a interação humana é vista como o local primordial para a socialização. O ser humano possui a tendência de manter relações com os outros, e essas relações intersubjetivas compõem uma rede interacional que constitui o *lôcus* das ligações sociais humanas.

Isso também se mostra perceptível nas escritas dos cadernos, nos quais se nota o ato de diálogo com o próprio texto, ou seja, como interlocutor íntimo, um verdadeiro confidente, como no caso específico do diário **D**:

Diário D: “Eu estou amando fazer o meu diário na escola e eu acho mais legal ainda a gente fazer esse diário em inspiração a uma mulher que morava na favela e escrevia todas as coisas que passava na casa dela e fora também.

Eu admiro muito essa história e fico feliz porque depois de tudo que ela passou ela pelo menos ficou reconhecida” (...)

“Querido diário.

A situação mais difícil que eu passei em toda a minha vida foi quando a minha mãe estava se separando do meu pai. Isso não faz muito tempo, eu me lembro perfeitamente quando a minha mãe entrou em depressão e eu e minha irmã que sofriamos muito com isso. (...)

Eu sofria muito de ver a minha mãe chorando e muito assustada com os carros de polícia que iam à minha casa todos os dias.

Hoje a minha mãe já melhorou e até vai casar novamente dia 5 de julho”. (...)

“As melhores experiências escrever o diário foi que eu pude desabafar as coisas que eu estou sentindo seja elas boas ou ruins.

Nada foi ruim enquanto eu estava escrevendo exceto a vergonha que eu sentia depois que eu escrevia. (...)

À parte disso, no diário **B**, destaca-se uma dificuldade em iniciar a escrita. O aluno vê o trabalho mais como uma forma de adquirir pontos para o bimestre e apenas fala de forma superficial sobre a leitura da obra *Quarto de despejo*. Vale ressaltar que o aluno demorou duas semanas para escrever a primeira anotação e ler efetivamente o livro, tanto que pensa que a autora era uma menina e não uma mulher com filhos.

“Esse diário é um bom trabalho, ele ajudará a professora e os alunos a ganharem pontos.

A turma está lendo um livro da autora Carolina Maria de Jesus. Ela era uma menina pobre e vivia catando lixos recicláveis”. (...)

Acrescenta-se também que no diário **C** o enunciador de si mesmo e diz não “gostar de muitas coisas”, mesmo sem falar o que seriam, necessariamente as coisas de que trata. Porém, da mesma forma como insistia em negar sua fala, acabava mencionando desde a primeira anotação fatos muito íntimos e que interferiam diretamente em seu comportamento.

“Não gosto de muitas coisas, e nem em particular. E também não gosto de falar de mim.
Sou fechada. Não gosto de nada, posso dizer que sou um pouco anti-social.
Eu já passei por muitas coisa: eu só tenho 15.
Já me envolvi com drogas muitas vezes. Sempre eu vivia largada. Minha mãe não sabe. Só meu irmão mais velho que sabe o que eu passei”. (...)

Observa-se igualmente o uso de expressões recorrentes da fala durante a escrita do diário e em alguns momentos dialoga diretamente com o texto:

“Bem, sobre esse trabalho, o diário, eu não gosto de falar de mim, nem escrever nada” (...)
“Ontem, dia 02/06 eu furei meu nariz tipo dueu pacas mais depois passo. Há e minha mãe veio me ver, é que tipo eu não moro com ela porque ela é mei que dezechilibrada”(…)
“Bem acho que o que eu irei falar aqui er muito triste: Infelizmente estou grávida de um menino da minha sala: é eu sei, isso é tenso”...(…)

Ao final do período de três meses, o mesmo aluno demonstrou satisfação em falar sobre si, mesmo reiterando o quanto é difícil, ou seja, escrever o diário mostrou-se uma atitude contraditória, mas também libertadora:

“A melhor experiência em escrever o diário foi eu poder me abrir.
O pior é falar sobre mim e o que eu passei pois não gosto.
Mudei meu jeito de pensar e de vestir. Kkkkkkkkkk”
Espero no futuro ser independente ter meu próprio dinheiro. Não depende de homem. (...)

Desse modo, a partir de Magda Soares (1999, p. 23.) pode-se compreender que:

“Ao permitir que o sujeito interprete, divirta-se, seduza, sistematize, confronte, induza, documente, informe, oriente-se reivindique e garanta sua memória, o efetivo uso da escrita garante-lhe uma condição diferenciada na sua relação social com o mundo, um estado não necessariamente conquistado por aquele que apenas domina o código”.

Assim, a aquisição da leitura e da escrita ultrapassam os limites da mera educação sistêmica do indivíduo. Na verdade, ambas viabilizam uma gama de possibilidades de expressão e comunicação com o mundo circundante conferindo a ele uma ascensão cultural e social e sobretudo, de crítica da realidade a qual está inserido.

Em geral, a análise buscou demonstrar também a preocupação em entender a relação entre a produção, a linguagem dos diários e os tipos de reflexão utilizados. Ou seja, o material pode ser um instrumento para a transformação do indivíduo, conforme afirma Paulo Freire (1992, p.76) para quem “ler e produzir um texto é algo sério (...) é aprender como se dão as relações entre as palavras na composição do discurso. É tarefa de sujeito crítico, humilde e determinado. (...) Implica que o (a) leitor (a) se adentre na intimidade do texto para aprender sua mais profunda significação”.

Nesse sentido, por meio dos diários, observou-se a oportunidade de o aluno escrever sobre sua ação concreta, também atuando como forma impessoal da aquisição de domínios linguísticos. Por tratar-se de um gênero da escrita, permitiu um distanciamento e uma organização do pensamento, que vem como apoio contextual para o desenvolvimento da reflexão crítica dos alunos

O material produzido tornou-se assim, um instrumento para mostrar e desenvolver a capacidade de refletir criticamente sobre a ação de coordenar de ideias e fatos, não objetivando mostrar, ou mesmo exemplificar, a existência de um modelo de diário reflexivo crítico ideal, mas, sim, evidenciar processos reflexivos em construção e apontar características linguísticas que expressem concretamente formas de ação reflexiva crítica.

Com base nessa reflexão, destaca-se a perspectiva de Fiorin que, em sua obra *Linguagem e ideologia* (2005), afirma que a linguagem se mostra como um fenômeno extremamente complexo, pois é ao mesmo tempo, individual e social, física, fisiológica e psíquica. Portanto, pode-se dizer que é ao mesmo tempo autônoma e determinada socialmente.

Ainda se ressaltou que apesar da língua não ser especificamente um fenômeno de caráter de classe nem um fenômeno de superestrutura, ambas usam a linguagem para transmitir suas representações ideológicas. Mas as formações discursivas que se materializam de formações ideológicas, são fenômenos de superestrutura. Essa transformação não provoca uma mudança concomitante no sistema linguístico.

O discurso pode ser compreendido como um produto histórico e social e as transformações na estrutura social podem acarretar mudanças discursivas. A linguagem não é somente representação do pensamento ou instrumento de comunicação, mas expressões da vida real uma vez que, ao se comunicar algo, visa-se agir no mundo, influir sobre outros. Comunicar é agir num sentido mais amplo e num discurso de formação dominante, isso reforça as estruturas de dominação. O discurso que é feito para transformar o mundo usa uma linguagem como instrumento de libertação ou opressão, de mudança ou de conservação.

Além disso, as diferentes situações de ação de linguagem dos diários realizaram-se num contexto de ensino do mundo formal, ou seja, de reconhecimento dito oficial e padronizado, porém, a informalidade dos relatos pessoais acabou por influenciar na produção do texto, seja no que diz respeito ao conteúdo temático, ao referente ou ao contexto humano e identitário em que estão inseridos.

Considerações finais

O presente artigo utilizou como escopo do diálogo e das reflexões críticas que se relacionaram diretamente à obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus e lida pelos alunos dentro e fora da sala de aula, uma vez que foi por meio de seu diário que a autora se tornou sujeito de si mesma e de suas ações ao expor seus dramas e angústias, seus medos e frustrações. Como se viu, foi proposto que os alunos passassem por processo similar na construção de si mesmos, a partir de suas memórias, mas tendo a escola como ponto de referência.

A obra analisada funcionou na prática cotidiana com os alunos como *input* para expressão de si mesmos. Por meio dessa referência narrativa, puderam assumir uma identidade social, assim como o fez a autora, ao retratar a pobreza e a miséria presentes na favela, que a identificava como sendo o “quarto de despejo da sociedade”.

Ao entrelaçarem a vida da autora com os diários pessoais, emergiu um pouco de Carolina em todos, seja de forma indireta nas palavras de cada aluno, seja por ter sido mencionada pelos estudantes como um referencial de vida e de consciência social. Os relatos, portanto, não se mostraram como “fins arranjados ou estanques”, mas, pelo contrário, abriram caminho para futuras investigações para a compreensão a respeito da reiteração entre memória

e identidade, a partir da mobilização de um determinado gênero discursivo no contexto da sala de aula que privilegie a expressão da subjetividade.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 6. ed.2011.
- _____;VOLOCHÍNOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, SP: Editora Hucitec, 14^a ed. 2010.
- CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 1999.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 11^o. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo. 41a ed. Cortez. 2001.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 37^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HANKS, W. *A língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- KLEIMAN, B. Angela (org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. Coleção Letramento, Educação e Sociedade.
- LIBERALI, Fernanda Coelho. *O diário como ferramenta para a reflexão crítica*. 1999. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo
- LIMA, R.G.S. *Volta Redonda do café e do leite*. Volta Redonda: Ed. Prefeitura de Volta Redonda, 2004.
- ORLANDI, E. Identidade linguística escolar. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001. p. 203-212.

PENNA, M. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001. p. 89-112.

SOARES, Magda Becker. *Letramento, um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Recebido em 12.12.2016

Aprovado em 31.01.2017